

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
COM A LINHA DE SOMBRA
19 de fevereiro de 2026

TWIN PEAKS: THE RETURN

PART 8 (GOTTA LIGHT?) / 2017

episódio realizado por **David Lynch**

Realização: David Lynch / **Assistentes de Realização:** Scott Cameron, Ime Etuk, Lori Ashfield / **Argumento:** Mark Frost e David Lynch / **Direção de Montagem:** Duwayne Dunham / **Direção de Fotografia:** Peter Deming / **Direção de Arte:** Cara Bower / **Cenários:** Florencia Martin / **Cor:** Bob Fredrickson, George Koran, Angelique Perez / **Figurino:** Nancy Streiner, Angela Parrish, Leslie Sungail, Anite Louise Brown, Sue Bub, Tasha Goldthwait, Adrienne Greshock, Kimberlee Iblings / **Efeitos Especiais:** Philip Bartko, Gary D'Amico, Ryan Dodd, Blair Foord, Teizo May, Chris Nelson / **Supervisor de Efeitos Visuais:** Pierre Buffin / **Maquilhagem:** Clare M. Corsick, Carey Jones, Debbie Zoller / **Música:** Nine Inch Nails, Dean Hurley, Chris Richardson / **Som:** Douglas Axtell, David A. Cohen, Jack Cucci, Ronald Eng, Kevin Faber, Luke Gibleon, Dean Hurley, David Lynch, Willard Overstreet, Kerry Dean Williams, Xiao'ou Olivia Zhang, Steve Blazewick, Dana LeBlanc Frankley, Cherie Tamai, Kelsey Wood / **Duplos:** Tait Fletcher / **Casting:** Krist Husar, Johanna Ray / **Interpretação:** Kyle MacLachlan, Leslei Berger, Robert Broski, Cullen Douglas, Eric Eynon, Tikaeni Faircrest, George Griffith, Tad Griffith, Sheryl Lee, Xolo Maridueña, Joy Nash, Tracy Phillips, Frank Silva, J. R. Starr, Carel Struycken, Nine Inch Nails.

Produção: Showtime Networks, Rancho Rosa Partnership, Twin Peaks Productions, Lynch/Frost Productions / **Produtores:** David Lynch, Mark Frost, Christine Larson-Nitzsche, Johanna Ray / **Cópia:** Digital, cor e preto e branco, legendado eletronicamente em português / **Duração:** 58 minutos / episódio exibido a 25 de Junho de 2017 / Primeira exibição na Cinemateca.

Sessão com apresentação

As condições que levam um episódio particular de uma série a fixar-se na nossa memória variam – e evidentemente estão conectadas à qualidade do todo que o sustenta. A natureza fragmentária eleva alguns destes lançamentos a verdadeiros acontecimentos, onde milhares, ou por vezes milhões, de espectadores se juntam (separadamente em suas casas) para assistir ao mesmo tempo, e em primeira mão ao episódio, que, no minuto em que acaba – e nos dias em que vivemos – começa a alimentar discussões em fóruns, redes sociais, podcasts e vídeos no Youtube com as mais frescas reações. O lançamento gradual alimenta o suspense e a ansiedade por respostas, e esse sentimento, quando partilhado – somado às horas investidas -, gera uma sensação de comunidade que o cinema, na sua experiência concentrada e presencial em sala escura, raramente produz da mesma forma.

Mas e se se juntasse o útil ao agradável? Não é o que está aqui a acontecer?

Talvez seja uma formulação injusta sendo o episódio visado de *Twin Peaks*, série de culto cujo autor ocupa, desde há muito, um lugar central no imaginário cinéfilo – suficientemente central para fazer passar os espectadores da sala para a televisão. Ao exibir em sala o mais *lynchiano* dos seus episódios - o primeiro de *Twin Peaks* a passar na Cinemateca, para além de **Fire Walk with Me** - propõe-se precisamente o cruzamento da experiência comunitária da televisão devolvida à escuridão partilhada da sala.

Há episódios de reviravoltas, de descobertas e avanços; há episódios que finalmente nos conduzem ao momento que sabíamos inevitável, o clímax; há *flashbacks*, há *origin stories*. E depois, há este... Não resolve nada, não esclarece nada, não responde a nenhuma das perguntas que a série foi acumulando. “Care to elaborate?” “No”. É um gesto de interrupção que transforma a série num palco de experimentação formal e ontológica.

Começa como se nada fosse, na continuidade directa da *Part 7 Mr. C.* - o doppelgänger maléfico do agente Dale Cooper, corpo ocupado pela entidade BOB - segue de carro com Ray Monroe. (Sim, *spoiler alert*: BOB, responsável pela morte de Laura Palmer, o crime fundador que desencadeou esta história, embora já há muito tenha deixado de ser o seu centro gravitacional.) Numa paragem ditada pelo mais prosaico dos impulsos - o chamamento da natureza -, Mr. C. tenta matar Ray, mas é ele quem acaba alvejado na barriga. O lugar dos tiros não é indiferente, coincide com o ponto exacto onde o verdadeiro Cooper fora atingido no oitavo episódio da primeira temporada. A simetria não é narrativa, é quase ritual. Este é o mesmo episódio em que o The Giant, fala de forma críptica para o Cooper, desculpando a sua contenção com “tudo o que lhe é permitido dizer”.

Caído no chão, entre a vida e a morte, Mr. C. é rodeado por figuras espectrais - os *woodmen* - que parecem vir em seu socorro. É então vemos BOB abandonar aquele corpo, materializando-se sob a forma de uma esfera negra e translúcida que já veremos de novo. A partir daqui começa o desvio - introduzido uma atuação dos Nine Inch Nails.

A imagem passa a preto e branco. Viajamos até White Sands, Novo México, 1945. Assistimos ao *Trinity Test*, o momento culminante do Projecto Manhattan - a invenção da bomba atómica - numa representação menos interessada no rigor histórico do que na experiência sensorial. Se recentemente nos foi dada uma recriação pejorativa, em **Oppenheimer**, aqui a explosão é outra coisa, um mergulho. A câmara atravessa a nuvem, penetra o cogumelo atómico, dissolve-se em poeira cósmica e vibração sonora, e reduz o que vemos ao primordial. A violência tecnológica estende-se da bomba à própria televisão e interfere com o que vemos para manifestar a sua própria potência em luz, ruído e matéria.

É frequentemente descrito como o nascimento do mal, mas o mal já existia. Se houver forma de racionalizar o acontecimento parece antes a chegada do mal à terra, ao ver uma porta que foi aberta por quem a habita. Esse rasgo cria um portal para o Black Lodge a partir da na Convenience Store – lugar onde Coop está preso há 25 anos (mas não em 1945) e onde vivem diversas entidades sobrenaturais. No meio do espectáculo vemos The Experiment, que parece dar forma ao mal em si, a “dar à luz” BOB - na forma que o tínhamos visto abandonar o Mr. C. – e enviá-lo para a Terra.

Mas se há um gesto de origem neste episódio, ele não é apenas o da irrupção do mal. Num movimento simétrico - quase como se o cosmos respondesse à violência com um contra-gesto de luz (ou fogo) - regressamos ao espaço etéreo - que pode ou não ser o White lodge - onde habita o Fireman (ou o Giant, como outrora lhe chamámos), figura contida que sempre falou “apenas o que lhe é permitido dizer”. Diante da visão da explosão e da

libertação de BOB – numa sala de cinema, com uma projeção talvez imune à potência das novas tecnologias, da televisão, da bomba, da rádio (sendo que a Señorita Daido ouviu música numa grafonola), espaço que reconhecemos de Club Silencio de **Mulholland Drive** - o Fireman contempla, reage, e do seu próprio corpo projecta uma esfera dourada, luminosa, no interior da qual se distingue o rosto de Laura Palmer. Não se trata de um “nascimento” no sentido biológico, mas de uma espécie de inscrição mítica - Laura não apenas como vítima inaugural, mas como princípio de equilíbrio, força compensatória. A esfera é enviada em direção à Terra, como se o universo de *Twin Peaks* obedecesse a uma lógica de forças opostas para manter o ser equilíbrio. E aqui não se julga nenhum dos lados.

Onze anos depois, no mesmo lugar, os *woodmen* percorrem a cidade como espectros errantes. Um deles, numa busca por um isqueiro - “Gotta Light? -, mais uma analogia ao poder maléfico do fogo, aproxima-se de uma estação de rádio e, depois de esmagar o crânio do locutor, toma o microfone. A sua voz - “This is the water and this is the well...” - propaga-se pelas ondas hertzianas, hipnótica. Quem a escuta cai inanimado. A rádio, meio doméstico por excelência da América dos anos 50, torna-se veículo de contágio. Se a bomba abriu a fenda no tecido do mundo, a emissão radiofónica assegura a sua difusão. A tecnologia - bomba, televisão, rádio - não é apenas cenário histórico, é meio de transmissão, amplificador de forças invisíveis.

Num deserto poeirento, um ovo eclode. Dele emerge uma criatura híbrida, insecto e anfíbio, que carrega ainda o eco da explosão nuclear. Não sabemos o que é, mas sabemos que não é terreno, veio do Black ou White Lodge, é BOB ou Laura. A criatura rasteja durante a noite até encontrar a rapariga adormecida – mais tarde identificada como Sarah Palmer, mãe de Laura Palmer. E entra-lhe pela boca. A imagem é de uma violência silenciosa, íntima, quase obscena. E ficamos sem saber o que aquilo significa. O Giant na forma de Lynch também nos falou de forma críptica... nunca disse nada mais que o suficiente.

Tiago Leonardo